

Pesquisa também está presente

Tudo indica que o Parque Nacional de Brasília será o pioneiro em trabalhos de pesquisa científica. O biólogo norte-americano, Scott Lindbergh, já se antecipou e fez um trabalho com macacos bugios pretos. Joaquim Henrique Duran está defendendo uma tese de doutorado em Paris, que levanta todas as áreas atingidas pelo fogo nos últimos dez anos, através de sensoriamento remoto. E o administrador do Parque, Paulo Cesar Ramos, acaba de ver aprovado um projeto de sua autoria que será custeado pelo Banco mundial.

Além dos projetos em fase de implantação, Ramos tem conseguido introduzir algumas benfeitorias no Parque. Hoje, é motivo de orgulho a eficiência da brigada do fogo, dos funcionários do IBDF lotados no Parque. São 20 pessoas que, juntamente com os bombeiros, fazem um trabalho preventivo contra incêndios que já apresenta resultados. Praticamente não houve grandes focos ou princípios de fogo no Parque, este ano.

O projeto a ser financiado pelo Banco Mundial deve começar

em agosto de 1989, sob o título de "As Comunidades Vegetais do Parque Nacional de Brasília e o papel do fogo na estrutura e dinâmica de suas fitofisnomias". Trocando em miúdos, os objetivos são conhecer os padrões de respostas da vegetação à passagem do fogo e a falta destes com vistas a possibilitar futuras decisões a respeito de manejo do Parque.

Segundo Ramos, o projeto e o levantamento de Duran servirão de base para todos os trabalhos que podem vir a ser realizados no Parque de Brasília. Duran pretende desenvolver o trabalho através de satélite — a única forma de levantar todas as informações que ser perderam ao longo dos anos.

ONÇAS

A fauna do Parque Nacional de Brasília é bastante rica. Não existe qualquer forma de registro de animais na área, apenas o testemunho de funcionários e de alguns cientistas como Scott Lindbergh. A reportagem do CORREIO BRAZILIENSE procurou, durante seis horas consecutivas animais variados para fo-

tografar. Só encontrou veados, roedores e gaviões. Scott, contudo, já presenciou a passagem de onças vermelhas, lobo guará, sussuarana, jaguatirica, irará, furaão, quati, graxaim, tamadua-bandeira e mirim, cachorros e gatos selvagens. A paixão de Scott, contudo, são os macacos bugios pretos. Os melhores horários para encontrá-los são entre as 6h e 7h da manhã e no final da tarde.

Em 1973, Scott conseguiu recursos da Fundação Franz Weber, da Suíça, para custear um projeto de manejo com animais. levou 22 macacos para o sul da França e os criou em regime de semicativeiro. Passados 10 anos, reintroduziu 18 bugios no Parque Nacional de Brasília. Perdeu cinco animais: duas fêmeas (filhotes) que estavam com problemas visuais (catarata) — uma caiu da árvore e a outra foi atacada por gaviões. Três animais criaram deficiência de alimentação. Hoje, a comunidade dos bugios chega a 75 animais que deverão se reproduzir até 200 macacos, o que garante a preservação da espécie, no Parque, pelos próximos 100 anos.